

C.G. MACINGTON

PLANTÃO A DOIS



FARO
EDITORIAL

**PLANTÃO
A DOIS**

C.G. MACINGTON

PLANTÃO A DOIS

**Série Hospital St. Jude
[LIVRO 1]**

**TRADUÇÃO
SANDRA MARTHA DOLINSKY**

**PLANTÃO
A DOIS**

1

O campo estéril

MAXWELL

O CORAÇÃO É UM ÓRGÃO IMPRESSIONANTE.

É um punho feito de músculos, uma bateria de impulsos elétricos, um receptáculo frágil que decide, de sessenta a cem vezes por minuto, se um ser humano continua a existir ou se vira só uma lembrança.

Prefiro quando o coração está em silêncio.

— Pinça.

A palavra é quase um sussurro, mas, no silêncio sufocante da sc 3, parece uma batida de martelo. Uma instrumentadora cirúrgica, cujos olhos se veem apenas por cima de uma máscara bem ajustada, coloca a pinça hemostática em minha mão estendida. Não diz nada. Em minha sala de cirurgia, ninguém fala, a menos que o paciente esteja morrendo. E meus pacientes não morrem.

Ajeito minha pegada. Olho para a cavidade torácica aberta do senador de cinquenta e cinco anos, deitado na mesa. A ponte de safena está concluída. As suturas são obras de arte microscópicas, com o tipo de ponto que deveria estar exposto em uma galeria, não enterrado sob camadas de fáscia e pele.

— Liberando o pinçamento aórtico — anuncio.

Esse é o momento; aquele segundo aterrador e suspenso em que o coração, frio e imóvel durante as últimas duas horas, precisa se lembrar de seu propósito.

Espero, não rezo; Deus não tem nada a ver com a precisão de uma anastomose vascular. Mas murmuro. É um tique inconsciente, um zumbido baixinho e vibrante no fundo de minha garganta. Bach, *suíte para violoncelo nº 1 em sol maior*. O prelúdio.

Tum.

Uma única contração lenta.

— Ritmo sinusal voltando — diz doutor Sato da cabeceira da mesa. Está entediado, o que é o maior elogio que um anestesista pode fazer a um cirurgião.

Tum-tum.

O monitor capta a batida, transformando o silêncio num chiado rítmico e reconfortante. O sangue começa a fluir, rosado e oxigenado, pulsando pelos novos vasos que construí. É perfeito. É poesia mecânica.

— O fluxo está excelente — digo com voz neutra. — Fechando.

Não sorrio. Um York não sorri por estar fazendo o trabalho para o qual foi criado. Eu me afasto da mesa, arranco as luvas externas ensanguentadas com um estalo e deixo que meu residente sênior feche o paciente.

— Doutor York? — chama Indira, com a voz ligeiramente trêmula. — Gostaria de verificar a posição do dreno?

— Se ainda não consegue colocar um dreno, doutora Singh, é melhor pensar em ser dermatologista — digo sem olhar para ela.

Vou até o lavatório cirúrgico. A adrenalina da cirurgia já desapareceu, substituída pelo vazio frio e familiar que habita meu peito. Esfrego as mãos — o ritual de assepsia que remove o sangue e a responsabilidade. Checo meu reflexo no espelho de aço; não há nenhum fio de cabelo fora do lugar. Meu cabelo preto está penteado para trás, imóvel. Meus claros olhos azuis brilham por trás dos óculos sem aro. Sou a cópia exata do meu pai. Sou a cópia exata da estátua do meu avô, no saguão.

Sou uma máquina.

Seco as mãos e olho o relógio: 11h45. Tenho uma reunião do departamento ao meio-dia, seguida de visitas aos pacientes e, depois, um jantar com doadores, ao qual minha mãe me obrigou a comparecer.

Atravesso as portas duplas do centro cirúrgico, esperando encontrar a serenidade silenciosa e acarpetada do Departamento de Cirurgia Cardiovascular.

Em vez disso, entro num canteiro de obras.

Há uma lona plástica pendurada no teto, balançando por causa da corrente de ar do sistema de ventilação. O cheiro de pó de gesso se sobrepõe ao de antisséptico. A sala de espera, geralmente um santuário de couro bege e arte abstrata discreta, desapareceu. Em seu lugar, há um buraco enorme na parede e dois homens de capacete comendo sanduíche sobre uma pilha de placas de gesso.

Paro abruptamente. Um enfeite barato e prateado foi colado com fita adesiva na lona plástica. *Feliz Natal*, debocha.

— Doutor York!

Eu me volto e vejo minha assistente administrativa, uma mulher que normalmente tem a calma de uma especialista em desarmar bombas, com uma expressão de pânico. Está com uma caixa de papelão nas mãos.

— O que é isso? — Gesticulo em direção à destruição com a mão que vale 5 milhões de dólares por ano para esse hospital.

— O cronograma da reforma foi antecipado — diz ela, ofegante. — O doutor Sterling mandou o memorando hoje de manhã. A fundação da ala leste precisa ser reforçada antes da nevasca da semana que vem. Os consultórios estão sendo interditados.

— Interditados? — repito. — Tenho consultas, tenho gráficos, tenho uma suculenta que requer uma quantidade específica de luz solar indireta.

— Já encaixotamos tudo — diz ela, colocando em minhas mãos a caixa com meu diploma, o pêndulo de Newton e a suculenta. — O doutor Sterling disse que é temporário. Até o Ano-Novo.

— E onde vou trabalhar, se meu consultório agora está em ruínas? — pergunto, baixando a voz, num tom perigoso.

Ela faz uma cara desolada. É o olhar que se dá a um paciente antes de lhe dizer que seu tumor é inoperável.

— Traumato — sussurra ela. — Térreo.

Olho para ela.

— A traumato é um zoológico. É uma placa de Petri bacteriana. É barulhenta.

— É o único andar com mesas disponíveis. Você foi alocado na sala 104. — Ela dá um passo para trás, como se temesse uma mordida. — É uma sala compartilhada.

— Compartilhada — repito, sentindo o gosto da palavra como se fosse uma fruta podre. — Com quem?

Ela não responde, apenas aponta para os elevadores.

* * *

A descida de elevador parece um caminho ao inferno.

O Hospital St. Jude é organizado hierarquicamente. O último andar abriga a cardiologia e a neurologia, os deuses, os intelectuais, as especialidades mais limpas. Conforme se desce, as coisas vão ficando mais caóticas. Ortopedia, cirurgia geral e, no nível mais baixo, o subsolo, fica o poço.

Traumato.

As portas do elevador estalam e deslizam, abrindo-se.

Capto o barulho primeiro. Não é zumbido de máquinas, é rugido da humanidade. Pessoas gritam, uma maca passa em alta velocidade; em algum lugar, uma criança está berrando.

Saio, apertando a caixa com meus pertences como se fosse um escudo. O ar aqui é diferente; é úmido, cheira a lã molhada e cera de chão. E tem o odor metálico característico de sangue fresco.

E a música...

Thunderstruck, do AC/DC, toca alto no posto de enfermagem. Toca não, *explode*. O riff inicial da guitarra reverbera pelo piso de linóleo.

Aperto os dentes. Abro caminho no meio do caos, desviando de uma enfermeira, que carrega uma bandeja com amostras de urina, e de um policial colhendo o depoimento de um homem com ferimento a faca. Isto não é medicina; é controle de tráfego aéreo no meio de um acidente.

Encontro a sala 104. Fica bem em frente ao principal box de traumatismo, separada apenas por uma parede de vidro. Um aquário. Abro a porta. A sala é pequena. Foi claramente projetada para um funcionário júnior, mas tem duas mesas no meio, criando uma verdadeira zona de batalha.

A mesa da esquerda está vazia, exceto por uma camada de poeira. A mesa da direita parece ter sido atingida por um morteiro. Pilhas de prontuários impressos se equilibram precariamente, inclinadas como a Torre de Pisa. Latas vazias de energético formam uma pirâmide. Há um estetoscópio emaranhado com um carregador de celular. Um pacote de salgadinho de milho apimentado está aberto, derramando farelos alaranjados sobre uma revista médica.

Sinto uma contração muscular no olho esquerdo.

— Você deve ser o invasor.

A voz vem de trás de mim. É grave, rouca e divertida.

Eu me volto.

Parado à porta está um médico que mais parece um homem que foi expulso desonrosamente de um navio pirata.

Ele é alto, mais robusto que eu, com aquele tipo de musculatura funcional, resultado de trabalho pesado, não de academia. Veste um pijama cirúrgico azul-claro amassado e manchado com algo escuro que espero desesperadamente que seja iodo. Por baixo da blusa do pijama, ele está com uma camiseta preta desbotada cujo logo é uma caveira branca.

Seu cabelo é uma bagunça de cachos castanho-escuros, jogados para trás por uma mão que segura um bagel mordido. Ele não se barbeia há pelo menos três dias.

— Doutor York — digo, apumando-me em toda a minha altura. — Imagino que você seja o responsável pela poluição sonora lá de fora.

O homem dá uma mordida no bagel.

— Se está se referindo ao maravilhoso som de Brian Johnson, então sim. Ajuda no ritmo, mantém o sangue circulando. — Ele estende a mão. — Jax O'Connell. Traumato.

Observo a mão. Vejo uma mancha de sangue seco na cutícula do polegar.

— Maxwell York, cardio — digo, mantendo as mãos firmemente em minha caixa.

Jax sorri. É um sorriso torto, jovial, que revela um canino lascado. Ele é irritantemente charmoso.

— Eu sei quem você é, princesa. Todo mundo conhece o Rei de Gelo. Não sabia que você ia descer aqui para a masmorra.

— Princesa? — Minha voz baixa uns dez graus.

— Figura de linguagem — Jax entra na sala como um pavão e joga o bagel em cima de sua mesa, que está uma bagunça. — Sterling me mandou abrir espaço, liberei a mesa da esquerda para você.

— É isso que você chama de liberar?

Vou até a mesa vazia. Passo o dedo pela superfície e o levanto, mostrando a mancha cinza de poeira.

— Sou cirurgião, não faxineiro — diz Jax, sentando-se em sua cadeira.

As molas rangem em protesto. Ele coloca os pés em cima da mesa, bem ao lado do pacote de salgadinho aberto.

— É só um não atrapalhar o outro. Você faz suas coisas... tipo tricotar artérias, e eu cuido da carne com batata.

— Carne com batata? — repito, horrorizado. — Você está se referindo a seres humanos.

— Estou me referindo ao cara que acabou de chegar com uma estaca de cerca atravessada no abdome — diz Jax, apontando para a parede de vidro.

Eu olho. Através da janela do aquário, vejo o Box de Trauma 1. Um paciente acaba de ser levado para lá, debatendo-se e berrando. Os paramédicos estão gritando os sinais vitais, o monitor dispara.

A postura relaxada e desleixada abandona instantaneamente o corpo de Jax. Ele está em pé e fora da sala antes que eu possa piscar.

Eu não deveria ficar olhando. Deveria tirar minha suculenta da caixa e ligar meu computador. Mas não consigo desviar o olhar.

Observo Jax O'Connell entrar no caos.

A mudança é instantânea. O pirata desaparece, e surge o soldado. Jax não grita, mas a sala gira a seu redor. Ele se move com uma economia brutal e eficiente. Corta a camisa do paciente com uma tesoura, com mãos tão rápidas que mal dá para ver.

Vejo o problema através do vidro. Pneumotórax hipertensivo. O paciente está sufocando, sua cavidade torácica está se enchendo de ar.

O protocolo padrão exige um campo estéril, um bisturi, um kit de drenagem torácica e anestesia.

Jax não espera nada disso.

Observo, quase sem respirar, enquanto Jax pega uma agulha enorme de um carrinho de emergência, despeja um frasco de iodopovidona no peito do homem, espalhando o líquido por toda parte, e enfia a agulha entre as costelas do paciente.

O chiado de ar escapando é audível mesmo através do vidro. Os movimentos bruscos do paciente cessam. O monitor mostra os sinais vitais estáveis.

Jax dá um tapinha no ombro do homem, diz algo que faz o paciente, aterrorizado, assentir com a cabeça, e se volta.

Olha pelo vidro, diretamente para mim. Dá uma piscadinha.

A seguir, limpa as mãos sujas de sangue na frente do pijama e volta para a sala. Passa pelo dispensador de álcool em gel, fixo na parede, sem deter o passo, aperta-o duas vezes e esfrega as palmas das mãos como se estivesse se aquecendo para uma briga de bar.

Sinto uma coisa estranha e desconfortável no peito. É uma palpitação, uma arritmia.

Jax abre a porta da sala com o pé. O cheiro de cobre o segue, misturado com a ardência do álcool em gel.

— Viu? — diz Jax, sentando-se de novo e pegando o pacote de salgadinho. — Carne com batata — acrescenta, mastigando ruidosamente.

Deixo minha caixa em cima da mesa empoeirada. Respiro fundo, inalando o cheiro de poeira, cera de chão e desse homem irritante e caótico.

— Doutor O'Connell — digo, tirando um recipiente de lençinhos desinfetantes da caixa.

— Sim, doutor York.

Abro a tampa do pote de lençinhos, fazendo-a estalar.

— Fique em seu lado da sala.

2

A Golden Hour

JAX

NÃO DURMO HÁ TRINTA E SEIS HORAS.

Isso não é uma reclamação, é uma avaliação tática. No Exército, trinta e seis horas eram um aquecimento, uma terça-feira. Você aprende a funcionar na zona vermelha, onde sua visão vai ficando turva e o mundo se resume à única coisa que importa: o corpo sangrando a sua frente. Mas, neste momento, não há nenhum corpo sangrando. Há apenas o doutor Maxwell York.

Estou recostado em minha cadeira rangedora, com os pés em cima da mesa, observando-o. Ele está em nosso “consultório” compartilhado há exatamente vinte minutos e já transformou a metade dele da sala em um campo estéril.

Ele está limpando a mesa. De novo.

— Sabe, a poeira volta — digo, jogando uma bola antiestresse em forma de cérebro para cima e a pegando de novo. — Faz parte do ecossistema, como as bactérias. Ou os estagiários.

Maxwell não levanta os olhos. Está organizando suas canetas. Não estou brincando, ele está alinhando cada uma delas por cor de tinta. Azul, preta, vermelha, todas perfeitamente paralelas.

— Entropia é uma escolha, doutor O’Connell — diz ele com sua voz suave, fria e irritante demais. — Eu escolho a ordem.

— Você escolhe ser um robô — murmuro, colocando o último salgadinho apimentado na boca e amassando o pacote.

Maxwell estremece ao ouvir o barulho do papel metalizado. Volta-se devagar, ajeitando seus óculos sem aro. Parece um modelo de anúncio de relógio de luxo: elegante, caro, com uma tensão latente.

— Precisava disso? — pergunta ele, olhando o saquinho vazio na mesa como se fosse lixo radioativo.

— Disso o quê? Comer? Sim, Max. Metabolismo existe.

— Não me chame de Max.

— Ok, *Maxwell*.

Eu me levanto e me alongo. Minhas costas estalam, e o som parece um tiro na sala pequena. Vejo seus olhos pousarem em minha barriga exposta, onde a blusa do pijama cirúrgico sobe. Ele desvia o olhar imediatamente, fica olhando uma mancha de umidade no teto.

Interessante.

— Vou tomar um café — anuncio. — Quer um? Sei que a enfermeira da pediatria esconde o creme bom atrás das vacinas.

— Eu bebo café *espresso* — diz ele, voltando a suas canetas. — E, obviamente, não consumo laticínios armazenados perto de vírus vivos.

— Como quiser, princesa.

Pego meu jaleco branco, sem botões e manchado na bainha, e me dirijo à porta.

Mas não consigo ir buscar o café.

A música diminui. Três bipes altos e dissonantes ecoam pelo sistema de som do hospital, seguidos pela voz da operadora:

Código Laranja. Incidente com múltiplas vítimas. HEC 5 minutos. Box de Trauma 1. Código Laranja.

A mudança no ar é instantânea.

A parte “preguiçosa” do meu cérebro, aquela que gosta de irritar Maxwell, desliga, e o soldado liga. O cansaço, que pesava em minhas pálpebras, desaparece, substituído por uma descarga de adrenalina tão pura que tem gosto de cobre.

Olho para Maxwell. Ele está paralisado, uma caneta azul na mão. Código Laranja significa um desastre; significa que o mundo “limpo” de pontes de safena programadas e reparos de válvulas acabou por hoje. Significa que, agora, ele está em meu mundo.

— Hora do show, Max — digo.

Não espero resposta. Corro.

* * *

O Box de Trauma 1 já está lotado.

Rosa Ortiz, conhecida como *mamita*, está de pé atrás da mesa de comando, com um telefone em cada mão. Ela tem um metro e meio de altura, sessenta anos e é assustadora.

— O que temos aqui, *mamita*? — pergunto, pegando um par de luvas novas no dispensador da parede.

— Engavetamento de 20 carros na I-5 — grita ela, sem levantar os olhos. — Gelo na pista. Um caminhão articulado dobrou em L e bateu num ônibus de passageiros e em meia dúzia de carros. A primeira leva chega em dois minutos.

— Liberem os boxes! — grito, e minha voz ecoa no meio do caos. — Quero dois cateteres em cada box! Liguem para o banco de sangue e peçam para descongelar O negativo! Tirem aquela maca dali, agora!

Os residentes correm, agitados. Eu consulto o quadro. Estamos com falta de pessoal. É dezembro, e metade dos médicos está esquiando em Aspen.

— Onde quer que eu fique?

Eu me volto. Maxwell está parado atrás de mim.

Ele parece ridiculamente deslocado com seu impecável pijama cirúrgico azul-marinho e seu longo jaleco branco abotoado até o queixo. Parece que está chegando para uma reunião de diretoria, não para um banho de sangue. Mas já está com as luvas nas mãos e o olhar focado.

— Você é cardio, fique no Box 3 — digo. — Se chegar alguém com dor no peito ou problema de ritmo cardíaco, é seu. Mas não espere um ambiente estéril, York. A coisa vai ser suja.

Ele assente.

— Eu dou conta.

— Veremos.

As portas da entrada de ambulâncias se abrem; ouve-se um sibilo, e uma rajada de vento gelado e neve invade o ps aquecido, trazendo consigo as sirenes.

— Chegando! — grita um paramédico, correndo com uma maca. — Homem, quarenta e poucos anos, motorista do carro que bateu no caminhão! Tórax e abdome esmagados! PA 60 por 40! Está em estado crítico!

— Box 1! — grito. — No três! Um, dois, três, levantem!

Transferimos o paciente. É um homem grande, coberto de vidro e pedrinhas da estrada. Seu rosto está acinzentado, ele está ofegante, engasgando com sangue.

— MV ausente à esquerda! — grito, encostando o estetoscópio no peito dele. — Indira, traga um kit para drenagem torácica! Agora!

Doutora Singh, a residente nervosa, manuseia com dificuldade a embalagem plástica. Suas mãos estão tremendo.

— Respire, Singh — digo, baixando a voz e usando aquele tom calmo que aprendi em Kandahar. — Devagar se vai ao longe, devagar se vai ao longe. Me dá o bisturi.

Ela me entrega o instrumento. Faço a incisão entre as costelas. O sangue jorra, quente e viscoso. Insiro o tubo. Sangue escuro corre para dentro dele.

— O débito cardíaco é enorme — digo. — E 1,5 litro imediatamente. Hemorragia.

— PA caindo — anuncia a enfermeira. — Cinquenta por trinta. FC 140.

— Fluido em bolus! — ordeno. — Pendure o sangue!

— Doutor O'Connell.

Maxwell está a meu lado, olhando o monitor e as veias dilatadas do pescoço do paciente.

— Veja o ECG — diz Maxwell, apontando com o dedo. — Alternância elétrica. E a pressão do pulso está caindo. Não é só um hemotórax.

Olho. Ele tem razão, o traçado do coração está oscilando para cima e para baixo.

— Tamponamento — praguejo. — O pericárdio está cheio de sangue. Está estrangulando o coração.

— Ele precisa de uma janela pericárdica — diz Maxwell. — Precisamos levá-lo para cirurgia agora.

— Não podemos movê-lo — digo, checando a distensão abdominal. — A barriga dele está rígida, está com hemorragia interna no abdome. Fígado ou baço. Se o colocarmos no elevador, vai entrar em parada cardiorrespiratória antes de chegarmos ao segundo andar.

— Ele vai parar *aqui* se não aliviarmos a pressão no coração — argumenta Maxwell. — Precisamos de um ambiente estéril e de um *bypass*.

— Olha pra ele, York! Ele morre em dois minutos!

O monitor emite um som estridente, num tom plano e agudo.

— Código azul! — grita *mamita*. — Começando as compressões!

— Não! — grita Maxwell, segurando as mãos da residente antes que ela possa pressionar o peito do paciente. — Se for um tamponamento cardíaco, as compressões não vão adiantar! O coração não consegue se encher! Você só vai esmagá-lo!

Estamos ao lado de um homem moribundo. Os sons do pronto-socorro desaparecem ao fundo. Só restamos eu, Maxwell e uma linha reta no monitor.

Maxwell olha para mim. Pela primeira vez, vejo uma rachadura no gelo. Ele é brilhante, mas precisa de suas ferramentas. Precisa de seu castelo.

— Precisamos abrir o cara — digo.

Maxwell arregala os olhos.

— Aqui? No ps? É séptico, o risco de infecção...

— A infecção vai matá-lo semana que vem — rosno, pegando um frasco de iodopovidona. — O tamponamento o mata agora mesmo.

Não espero a permissão dele. Derramo o iodo sobre o peito do homem, encharcando de laranja a pele acinzentada. Pego um par de luvas no carrinho de emergência — não são estéreis, apenas luvas de nitrilo azuis comuns, mas é melhor do que pele com pele.

— Bisturi! — rosno.

Indira o coloca em minha mão com força.

— O que está fazendo? — pergunta Maxwell, mas sem tentar me impedir.

— Toracotomia bilateral — digo. — Estou abrindo o tórax.

Eu corto o peito com o bisturi, do esterno à axila. Faço o mesmo do outro lado. É brutal, violento. É o tipo de medicina que causa pesadelos até nos médicos mais civilizados.

— Retrator torácico!

Enfio o afastador de metal na ferida e a abro com força. As costelas estalam, é um som nauseante que provoca engulhos em Indira.

Ali está ele, o coração. Não está batendo. O pericárdio está rígido, arroxado e protuberante devido ao acúmulo de sangue.

— Ele é seu, Max! — Dou um passo para trás, com sangue escorrendo de meus antebraços. — Conserte o coração, eu cuido da barriga!

Maxwell hesita por exatamente um segundo. Olha para o sangue em seu jaleco impecável. Olha para as placas do teto não esterilizadas. E, então, pisa na lama. Arranca um par de luvas da caixa do carrinho de emergência e as calça num movimento único e decisivo.

— Tesoura — ordena.

Sua voz está diferente agora. A arrogância desapareceu, substituída por uma concentração absoluta.

Ele corta o pericárdio.

Vuuush.

Sangue escuro e antigo jorra, aliviando a pressão.

O coração, subitamente livre, palpita levemente.

— Vamos lá — sussurra Maxwell.

Ele coloca as mãos dentro do peito do paciente e pega o coração.

Fico observando. É fascinante. Suas mãos são elegantes, mesmo de luvas e cobertas de sangue. Ele começa a massagem cardíaca interna, apertando o coração ritmicamente. *Aperta, solta; aperta, solta.*

— Laceração no ventrículo direito — diz Maxwell, com os olhos fixos no órgão. — Preciso de fio. Prolene 4-0.

— Estou no abdome — digo, mergulhando no diafragma. — Fígado dilacerado. Tamponando.

Estamos trabalhando lado a lado. Meu braço roça no dele, está quente. Cheira a sabonete caro e ferro.

— Fio — diz a enfermeira, entregando-o a Maxwell.

Ele interrompe a massagem. Precisa suturar um coração pulsante ali, parado em uma poça de sangue, com rock tocando alto e pessoas gritando na sala ao lado.

E o faz.

Paro um microssegundo para observar. Suas mãos não tremem. Ele dá um ponto com uma velocidade e precisão que desafiam a física. *Laçada, nó, corte.*

— Ventrículo reparado — diz Maxwell. — O ritmo está voltando.

— Taquicardia sinusal — anuncia uma enfermeira à cabeceira da maca. — Temos pulso! PA subindo. Oitenta por cinquenta.

— Fígado tamponado — digo, depois de enfiar compressas cirúrgicas na cavidade abdominal para estancar o sangramento. — Está estável o bastante para ser levado.

Olho para Maxwell.

Há sangue em seu rosto. Uma gota caiu na lente dos óculos. Seu cabelo, finalmente, está meio bagunçado, graças aos céus.

Está com um ar selvagem, magnífico.

Ambos olhamos para a cavidade torácica aberta do homem que acabamos de salvar. O ar entre nós é elétrico; é uma sensação melhor que a de qualquer droga. Enganamos a morte, e juntos.

— Bom trabalho — sussurro com voz rouca.

Maxwell me olha fixo. Suas pupilas estão dilatadas. Ele observa o caos que causamos: o sangue no chão, o peito aberto, a violência pura da situação.

— Isso aqui é bárbaro — diz, afastando as mãos do paciente.

— Ele morreu? — pergunto.

— Não.

— Então, é medicina.

— Vamos levá-lo lá para cima antes que pegue uma infecção por estafilócocos no ar deste porão maldito — diz Maxwell, dando um passo para trás e assumindo sua persona de chefe.

Levamos a maca correndo até os elevadores.

Vinte minutos depois, a correria acabou. O paciente está na UTI. As demais vítimas do engavetamento passaram pela triagem. O pronto-socorro está de novo com seu nível normal de caos.

Estou diante do lavatório em frente ao Box 1, lavando o sangue dos meus braços. A água rosa escorre pelo ralo. Me sinto exausto. A queda da adrenalina está pegando forte, minhas mãos começam a tremer, mas só um pouquinho. Seguro a borda da pia para firmá-las.

— Você está tremendo.

Enrijeço. Maxwell está na pia ao lado, lavando as mãos. Trocou o *scrub* e passou gel no cabelo de novo. A única evidência da última hora é a tensão em sua mandíbula.

— É abstinência de cafeína — minto. — Ou talvez eu esteja tremendo de admiração por ver o grande doutor York sujar as mãos.

Maxwell coloca sabão nas mãos, esfrega-se metodicamente até os cotovelos. Enxágua e repete.

— Aquele procedimento... a toracotomia... foi imprudente — diz ele em voz baixa. — Você o expôs a um trauma enorme, ignorou todos os protocolos de segurança.

— E se eu não tivesse feito isso? — pergunto, voltando-me para ele.

Gotas de água escorrem dos meus cotovelos. Maxwell para de se esfregar e me olha pelo espelho.

— Ele estaria morto — admite Maxwell.

Essas palavras parecem ter lhe custado um pouco.

— Exatamente. Bem-vindo às trincheiras, Max. Não é bonito, mas funciona.

Ele fecha a torneira. Seca as mãos com uma toalha de papel, sem pressa. Depois, volta-se para mim, aproxima-se. Está perto. Perto demais. Consigo até contar seus cílios por trás das lentes dos óculos.

— Sua técnica de tamponar o fígado foi relapsa — diz ele. — E seu gosto musical é atroz.

Ele estende a mão. Por um segundo, acho que vai me tocar. Meu coração bate forte contra as costelas, num ritmo que não tem nada a ver com o Código Laranja. Ele simplesmente estende a mão por cima do meu ombro, pega um papel-toalha e o entrega a mim.

— Faltou um pedaço — diz ele, apontando para meu pescoço.

Ele se afasta e se dirige aos elevadores, de volta a sua torre de vidro no céu.

Limpo o pescoço. O papel-toalha fica vermelho.

Observo enquanto ele vai. Noto que seu *scrub* sob medida realça seus ombros.

— Babaca — sussurro, mas não posso evitar sorrir.

Espero sinceramente que a reforma demore muito, muito tempo.

3

A fita azul

MAXWELL

EXISTE UM CONCEITO EM CIRURGIA CHAMADO “ZONA DE ESTERILIZAÇÃO”. É um perímetro definido, um campo de força invisível que separa o limpo do sujo, o seguro do infectado. Dentro dessa zona, a vida é preservada. Fora dela, reina o caos.

Neste momento, estou olhando fixamente para a zona de esterilização que tentei criar na sala 104.

Não está dando certo.

— Você está encarando o chão de novo, Max. Esquisito.

Levanto os olhos. O doutor Jax O’Connell está recostado em sua cadeira, que range no ritmo agonizante de um pássaro moribundo, equilibrando um burrito mordido sobre o peito. É seu café da manhã.

— Não estou encarando, estou avaliando a integridade estrutural do limite que estabeleci — digo, ajeitando os punhos do meu jaleco branco e apontando para o chão.

Passando pelo meio da sala apertada e sem janelas, há uma fita cirúrgica azul. Começa na porta e termina na parede oposta, dividindo a sala ao meio com precisão geométrica.

À esquerda, é meu domínio. Minha mesa de vidro está polida, meu notebook está alinhado paralelamente à borda. Minha suculenta, uma *Echeveria elegans*, repousa em um vaso de cerâmica branca, perfeitamente centralizada. O ar do meu lado cheira a desinfetante e café *espresso* de alta qualidade.

À direita, é a zona de exclusão.

A mesa de Jax é um risco biológico. Há três latas vazias de energético formando uma torre torta. Uma pilha de prontuários de pacientes está sendo usada como apoio para um copo de café que deve estar ali desde terça-feira.

— Essa fita — diz Jax, apontando seu burrito para a linha azul — é muito... passivo-agressiva. Gostei, dá um toque de *Um estranho casal* à sala. Evidentemente, eu sou o divertido, o que faz de você o que morre sozinho.

— Sou Felix Unger — corrijo-o com rigidez. — E ele não morre sozinho. Simplesmente se recusa a viver na imundície.

— Como quiser, Felix.

Jax se endireita e limpa as migalhas do *scrub*. Olha para minha mesa, franze a testa.

— Sua planta parece deprimida — anuncia ele.

Congelo. Olho para a *Echeveria*, parece perfeitamente saudável para mim. Suas folhas são de um verde claro e robusto. Está se desenvolvendo bem com a quantidade exata de luz artificial indireta que calculei para ela.

— Ela não está deprimida, está dormente — digo. — As suculentas conservam energia.

— Não, ela está entediada — diz Jax, sacudindo a cabeça. — Olha: ela está aí no silêncio. Precisa de estímulo, talvez um pouco de heavy metal.

— Plantas não gostam de heavy metal — respondo, seco, protegendo o vaso com a mão. — Elas respondem à música clássica e ao silêncio. Não exponha Frederick ao Metallica; suas folhas vão murchar por trauma acústico.

Jax arregala os olhos. Um sorriso lento de deleite se espalha em seu rosto.

— Frederick? — repete ele. — Você chama a planta de Frederick?

Fico vermelho.

— É um nome digno para um organismo digno.

— Ah, claro — Jax ri. — Ela tem cara de Frederick. Meio rígida, espinhosa. Precisa se soltar.

Ele se inclina sobre a linha divisória, invadindo meu espaço aéreo.

— Não se preocupe, Fred — sussurra para a planta —, vou tirar você daqui. Vamos fazer umas tatuagens.

— Não fale com ela — ordeno, e olho para o monitor. — Você está atrapalhando a fotossíntese dela.

— Acho que ela gosta de mim — diz Jax, recostando-se em sua cadeira barulhenta. — Ela está se inclinando para meu lado da sala.

— Ela está se inclinando em direção à fonte de luz, que por acaso está atrás de sua cabeça. É fototropismo, não afeto.

— Pense como quiser, Max.

Jax dá uma mordida no burrito. Pinga molho na calça de seu *scrub*. Ele nem se mexe, simplesmente o limpa com o polegar.

Sinto uma contração na pálpebra direita.

— Você come o dia inteiro? — pergunto, tentando analisar a angiografia para a cirurgia de válvula mitral que agendei para esta tarde.

— As calorias que entram saem logo — diz Jax, com a boca cheia. — Traumato queima muita energia. Você não entenderia. Vocês, cardiologistas, ficam parados no mesmo lugar durante seis horas ouvindo música clássica. É basicamente meditação com facas.

— É precisão — respondo, seco. — É a diferença entre uma sutura que dura cinquenta anos e uma que vaza antes mesmo de o paciente sair da sala de recuperação.

Jax ri. É um som grave e áspero que faz vibrar o ar da salinha. É irrimavelmente caloroso.

— Você se irrita com muita facilidade — diz ele. — É como apertar o botão de uma máquina. *Bip bop: raiva baixando.*

Eu o ignoro. Concentro-me na tela. A imagem pixelizada do coração pulsa em tons de cinza. *Foco. Válvula mitral. Regurgitação.*

Nhiii, nhiii, nhiii.

Jax está balançando a cadeira.

Aperto os dentes.

Nhiii, nhiii.

— Não tem WD-40 neste hospital? — pergunto, sem levantar os olhos. — Ou você gosta do som de metal rangendo?

— Me ajuda a pensar — diz Jax.

— Em que você pensaria com uma trilha sonora de tortura?

— Luxação de ombro no Box 4 — diz Jax imediatamente. O tom brincalhão desaparece de sua voz por uma fração de segundo. — O garoto caiu da escada, rompeu o manguito rotador. Estou tentando decidir se faço a redução com sedação ou se levo para cirurgia.

Fico calado um instante. Apesar de sua aparência caótica, Jax O'Connell é considerado um gênio em traumato. Eu mesmo presenciei isso no acidente de três dias atrás. O homem é um bruto, mas um bruto brilhante.

— Sedação? — digo, ainda olhando para a tela. — Se a integridade vascular estiver comprometida, é importante que ele esteja acordado para relatar alterações de sensação.

O rangido para. Sinto o olhar dele sobre mim.

— Olha só — diz Jax, baixinho. — O Rei de Gelo tem uma opinião sobre trauma ortopédico.

— O sistema circulatório está conectado a tudo, doutor O'Connell, inclusive aos ombros.

— Obrigado pela consultoria, Max.

— Maxwell.

— Ok. Maxwell.

Ele se levanta. Vejo de soslaio o movimento. Ele se espreguiça, estendendo os braços em direção às placas do teto manchadas de água.

Cometo o erro de olhar.

Seu jaleco branco se abre. Sua camiseta sobe.

Por um segundo, vejo a pele de seu abdome. É bronzeada, coberta por uma penugem escura que desce até a cintura da calça. Meus olhos, traiçoeiros, sobem. Seus braços estão à mostra, seus bíceps contraídos enquanto ele se alonga.

Vejo a tinta.

Eu já havia reparado na tatuagem no antebraço esquerdo dele, só uma sequência de números, nunca havia visto o resto. Cobre o braço todo. Um desenho preto, escuro e elaborado, uma sombra que parece fumaça, um desenho geométrico perto do cotovelo, afiado e agressivo, que se suaviza e se transforma em rosas perto do pulso.

E cicatrizes.

Entrelaçadas na tatuagem, traços prateados e irregulares. Marcas de queimadura? Estilhaços? São antigas, como um mapa de uma história de violência que destoa das fortes luzes fluorescentes do St. Jude.

Ele me pega olhando.

Volto a cabeça para a tela do computador tão rápido que quase ganho uma lesão cervical.

— Gostou? — pergunta Jax, em voz baixa, provocativa, com um toque de malícia.

— Eu estava examinando as cicatrizes — minto tranquilamente. — Você deveria procurar um dermatologista. O tecido cicatricial é propenso a mutações celulares.

— São estilhaços, Max. Não é melanoma.

Ele dá a volta em sua mesa. Passa por cima da fita azul. Para ao lado de minha cadeira.

Está na minha área.

Meus batimentos cardíacos disparam. De 60 para 85 BPM. Inaceitável.

— Você ultrapassou a fronteira — digo, olhando fixo para o monitor.

— Preciso usar a impressora — diz Jax. — Está do seu lado.

— Eu imprimo para você.

— Eu tenho mãos, doutor.

Ele se inclina sobre mim.

Está avassaladoramente presente. Tem cheiro de comida apimentada, sim, mas por baixo tem algo mais. Old Spice, sabão líquido e o calor de um corpo que arde demais. Seu braço roça meu ombro enquanto ele mexe na bandeja de papel.

Paro de respirar.

Seu antebraço está a centímetros do meu rosto. Consigo ver as coordenadas tatuadas ali. 31,55° N, 65,18° E. Afeganistão.

— Jax — digo.

O nome escapa. Não doutor O'Connell. Jax.

Ele congela. Não recua. Fica ali, debruçado sobre mim, me encurralando contra a mesa de vidro.

— O quê? — murmura.

Volto a cabeça. Meu rosto e o dele estão a centímetros de distância. Vejo os reflexos dourados em seus olhos cor de avelã. Noto o cansaço, as olheiras roxas bem escuras que denunciam as noites em claro. Está só o pó. Sua proximidade é perigosa.

— Você... — limpo a garganta, desesperado para recuperar o controle da situação. — Não tem papel.

Jax me olha fixo. Seu olhar desce até minha boca e volta para meus olhos. De repente, o ar fica denso, pesado, como nos momentos que antecedem uma tempestade.

— Ah — sussurra ele. — Papel.

A porta se abre bruscamente.

— Doutor York! Doutor O'Connell!

Nós nos afastamos abruptamente, como dois adolescentes culpados.

Indira Singh, minha residente, está parada à porta abraçando uma prancheta como se fosse um escudo. Ela olha para nós com os olhos arregalados.

— Eu... estou interrompendo alguma coisa? — pergunta, com voz trêmula.

— Não — digo, com voz aguda demais, ajeitando a gravata. E acrescento, com voz normal. — De jeito nenhum, doutora Singh. Diga.

— A... a paciente do 204, senhora Higgins, está se queixando de dor no peito.

— Estou indo.

Eu me levanto e pego meu tablet. Preciso sair desta sala. Preciso de ar. Preciso de um ambiente estéril.

Passo por Indira a passo rápido.

— Ei, Max! — grita Jax.

Paro no corredor, mas não me volto.

— Você esqueceu sua caneta — diz ele.

Enfio a mão no bolso. Vazio. Deixei minha caneta favorita, a Montblanc edição limitada, em cima da mesa.

— Fique com ela — digo, e saio andando. — Considere isso um gesto de paz. Só não a mastigue.

* * *

O resto do dia é uma sequência de visitas aos pacientes, consultas e a implacável burocracia da administração hospitalar.

Evito a sala 104.

Faço meus registros no posto de enfermagem da UTI. Almoço — uma salada de quinoa, comida com garfo, em silêncio — na lanchonete do hospital, a zona de silêncio.

Mas não posso evitá-lo para sempre.

Às dezenove horas, finalmente volto à sala para pegar meu casaco. O pessoal parou com a furadeira por hoje, o corredor está num silêncio estranho, todo empoeirado.

Abro a porta da 104.

As luzes estão apagadas. A única iluminação, que vem dos postes de luz da rua, entra através do vidro do Box de Trauma do outro lado do corredor.

Jax está lá. Está dormindo.

Está debruçado sobre a mesa bagunçada, com os braços cruzados e a cabeça apoiada neles. A cadeira barulhenta finalmente está calada.

Fico parado à porta, observando-o.

Adormecido, o caos desaparece. A energia frenética que emanava dele está reduzida a zero. Ele parece mais novo, as rugas de tensão ao redor de sua boca se suavizaram.

Eu deveria ir embora. Deveria pegar meu casaco e sair.

Mas entro. Fecho a porta sem fazer barulho.

Vou até a fita azul. Paro na fronteira.

Olho para a mesa dele, um desastre. Mas, no meio da bagunça, em cima de uma pilha de fichas, está minha Montblanc.

Ele não a mastigou. Colocou-a em cima de um guardanapo limpo.

Então, olho para minha mesa.

Frederick está lá, ainda perfeitamente centrado. Mas alguma coisa está diferente.

Olho mais de perto.

Preso com fita adesiva na frente do vaso de cerâmica branco de Frederick, há um pedacinho de papel. Foi recortado no formato de uma camiseta e nele, desenhado com caneta permanente preta, está o logotipo de raio do AC/DC.

Fico olhando para aquilo. Jax fez uma camiseta de banda para minha suculenta.

Olho para Jax. Ele se mexe, e um gemido de dor escapa de seus lábios. Ele está tremendo, o aquecimento no porão é péssimo, e ele está só de camiseta e calça do *scrub*.

Suspiro. É um som de derrota.

Vou até o cabideiro, pego meu cardigã de caxemira reserva, cinza-chumbo, absurdamente caro, que guardo para reuniões com doadores.

Cruzo a fronteira de fita.

Entro na zona de exclusão.

Com cuidado para não o acordar, coloco o cardigã sobre seus ombros.

Jax suspira e se aconchega no calor. Murmura algo ininteligível. Um nome? Uma ordem? Fico ali parado um instante, olhando para sua nuca, para os cachos escuros contra sua pele.

— Idiota — sussurro carinhosamente.

Volto para meu lado da sala. Pego meu casaco e olho para Frederick uma última vez.

Não tiro a camiseta de papel. Saio da sala e fecho a porta sem fazer barulho.

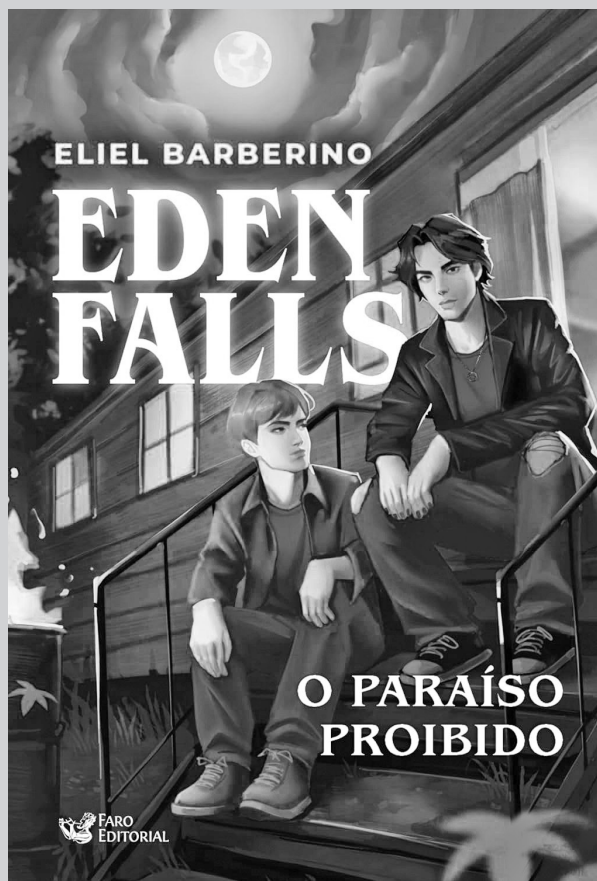
Enquanto caminho até a garagem, ainda sinto o fantasma do calor dele contra meu ombro, onde se debruçou.

Pego o celular, abro o calendário.

Data de término da reforma: 1º de janeiro.

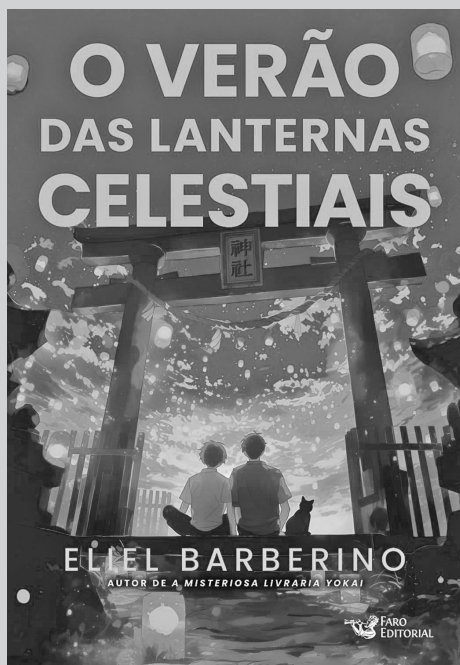
Vinte e seis dias. Não vou sobreviver a vinte e seis dias.

LEIA TAMBÉM:

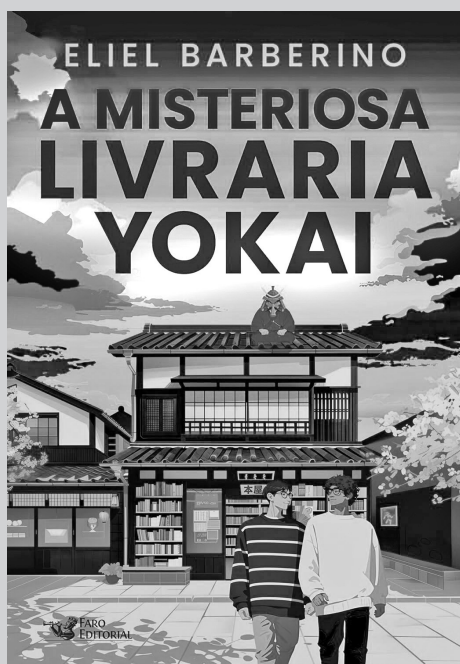


O FIM DA INOCÊNCIA.

Entre descobertas da adolescência, nostalgia dos anos 1990, intrigas escolares, encontros proibidos e assassinatos misteriosos, Eden Falls revela que a maior mentira sempre foi a perfeição, e como no Éden, o perigo sempre esteve no próprio jardim.



Uma história delicada, assombrada e comovente, que une o real e o sobrenatural em um enredo de descobertas, saudade e amadurecimento.



Uma jornada mágica e aconchegante capaz de curar uma ressaca literária.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



CAMPANHA LEITURA FAZ BEM

Ler inspira, renova, motiva, reduz
o estresse e melhora o humor.
Espalhe essa ideia!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA
GRÁFICA PLENA PRINT
EM OUTUBRO DE 2026